

A REPERCUSSÃO DO GESTO-FALA NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Luciana Virgínia Prazeres Teixeira Santos (FADIMAB)

lucianavptsantos@hotmail.com

RESUMO

Com a intenção de contribuir para os fundamentos dos estudos de docência na área da linguagem, o presente estudo tem por objetivo analisar a contação de história oral, do livro *o menino teimoso* e investigar se o ponto máximo da leitura oral de texto coincide com a gestualidade e com os movimentos frenéticos do corpo. A locutora é Bia Bedran, que desenvolve um projeto de leitura oral, através da contação de histórias infantis. Tendo como recursos auxiliares instrumentos musicais para acompanhar as narrativas. Concomitantemente, analisar-se-á o uso da prosódia, no sentido gesto-fala; como uma única matriz cognitiva e suas implicações na compreensão de sentido de texto nos ouvintes.

Neste sentido, a contação da história é uma macroestrutura, dividida em blocos de enunciados (o tempo da narrativa, o momento da história e a participação do ouvinte).

Palavras-chave: Leitura oral – Prosódia – Gestualidade.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo fundamenta-se na Análise do Discurso, concebida como estrutura da língua, ou da materialidade linguística – expressão que nos fornece uma ideia mais completa do que trata a língua: Uma estrutura que é atravessada por eventos-históricos. Sob esta perspectiva, o sujeito é visto como personagem principal, motivado intencional ou ideologicamente por uma sucessão de práticas discursivas que o envolve. Sendo assim, o valor comunicativo é carregado de significado.

Tendo em vista a interação, tem-se como alicerce a Teoria de David McNeill, que aborda a relação multimodal da matriz gesto-fala e outros correlatos como um todo constitutivo da linguagem.

Outros interacionistas são convidados ao diálogo, como David Brazil, Crystal e Scarpa que estudam a prosódia e seus correlatos como, por exemplo, a entonação (fornecimento de pistas intencionais para compreensão de texto escrito e/ou oral).

As reflexões sobre a linguagem numa perspectiva multimodal são recentes no Brasil. Autores como (CAVALCANTE, 2009, 2012; AVILA NÓBREGA, 2010; FONTE, 2011; BARROS, 2012) têm contribuído para este estudo sobre o olhar da modalidade em aquisição da linguagem de díades mãe-criança, não sendo dada aqui ênfase a esta concepção, visto que o corpus constitui-se a partir do estudo de contação de história, envolvendo locutor e participante (alunos).

A matriz gestuo-vocal no processo da aquisição da linguagem, como única matriz cognitiva é defendida por (KENDON, 1982, 2000, 2004; MCNEILL, 1985, 1992, 2000) e outros pesquisadores como (BUTCHER; GOLDIN-MEADOW, 2003 e CAVALCANTE, 2009, 2012). Por este viés, considera-se a tipologia prosódico-vocal (balbucio, jargão, palavras iniciais, holófrases e blocos de enunciado), e a tipologia gestual (gesticulação,

pantomima e gestos emblemáticos), de acordo com a nomenclatura do *continuum* de Kendon (1982).

Sob o olhar dessa matriz, analisar-se-á a contação de história de um vídeo, de Bia Bedran, “Lá vem história” que tem como título, O Menino Teimoso.

A contação acontece na Abertura da Exposição de Desenhos Infantis (MOA – Rio) na UERJ (Universidade do Rio de Janeiro). Com a presença dos colaboradores do projeto: o diretor, a coordenadora do evento, e a convidada especial, Bia Bedran.

Os ouvintes são crianças entre 8 a 10 anos (aproximadamente) e os professores, que por certo, desenvolveram atividades de produções de texto e/ou desenhos infantis.

O espaço físico que os rodeia aguça o mundo imaginário e fantástico pueril, visto que é ilustrado com desenhos, cores fortes, nave espacial. Constituindo uma simbiose perfeita entre o real, o texto oral e o imaginário.

O corpus coletado é constituído pela análise gesto/fala da locutora da história. Os dados foram observados a partir da exposição de vídeo na internet, não sendo, os mesmos transcritos de acordo com a Teoria Interacional do Tom, proposta por Brazil (1985): tons ascendentes/descendentes que apontam a variação do *pitch* e do *loudness* (variação na intensidade da voz para um tom mais baixo ou mais alto).

Analisaram-se as estratégias gestuo/vocal usadas intencionalmente, pela locutora e sua repercussão na compreensão de sentido de texto oral, pelos ouvintes.

Posteriormente, classificou-se a contação de história do livro O Menino Teimoso em 3 momentos. O tempo da narrativa, o momento da história e a participação na narrativa. O tempo da narrativa e a participação na narrativa foram analisados concomitantemente. Já, o momento da história (ações em que os fatos acontecem) foram analisados em 5 momentos distintos. Usou-se a terminologia (M1, M2, M3, M4 e M5) para identificá-los.

2 UM OLHAR SOBRE OS GESTOS

O interesse pela gestualidade surge depois da Segunda Guerra Mundial, o que não significa que antes desse período não houve estudos ou pesquisas significativas a esse respeito. Tendo como precursor, por exemplo, a obra *Institutio Oratoria*, de Quintiliano, que é considerada referência nos estudos sobre os gestos e foi escrita no século I.

O interesse pela comunicação não-verbal não é exclusiva de uma única área de estudo. Podemos encontrar menções sobre movimentos corporais, ou até mesmo pesquisas aplicadas em obras como, por exemplo, *A expressão das emoções em homens e animais*, de Charles Darwin, datada de 1872. Além da biologia, outros estudiosos da antropologia, linguística, filosofia, psiquiatria, psicologia, sociologia, ciência da estética e outras manifestaram seus interesses para compreender os sentidos que o corpo e seus movimentos podem apresentar.

Durante o século XX foram feitas análises isoladas da voz, da aparência física, da vestimenta e da face. Não se dava atenção à proxêmica, ao contexto interativo, ao comportamento ocular e ao toque.

Nos anos 80, alguns estudiosos, dentre eles David Brazil, continuaram a particularizar suas teses, separando os elementos paralinguísticos e extralinguísticos. No

sentido, de que os gestos poderiam ou não contribuir de forma relevante na compreensão de sentido de texto. Enquanto outros se concentravam na identificação das maneiras pelas quais uma variedade de signos não-verbais atua em conjunto a fim de atingir objetivos comuns.

Sendo assim, após anos separando e isolando esses sinais, os estudiosos perceberam que o gesto e a fala poderiam funcionar em um exercício conjunto para compreensão do dito. O novo perfil dos estudos sobre os gestos começa a amadurecer e articular outras discussões, inclusive integrando aos gestos outros elementos da interação. Nos Estados Unidos encontramos publicações de alguns autores como David McNeill, que discute a relação multimodal da matriz gesto-fala, partindo do princípio de que a multiplicidade dos movimentos comunicativos nem sempre se refere apenas aos movimentos das mãos e dos braços. Neste sentido, gestos e língua são entendidos como um único sistema, conceito bem mais amplo sobre a teoria da linguagem.

McNeill, em 1992, denominou a distinção dos tipos de gestos pesquisados por Adam Kendon como “*Kendon’s continuum*”. Este contínuo mostra a relação da gesticulação, os emblemas, as pantomimas e sinais com a fala. A saber:

1. A gesticulação parece ser o tipo de gesto mais usado durante o fluxo de fala e possui grande variação, uma vez que usamos, além das mãos e dos braços, outras partes do corpo, que contribuem significativamente para o entendimento do dito.

2. Os emblemas, que são sinais convencionais, e sua significação varia de acordo com os elementos culturais.

3. A pantomima, que se constitui numa mostra silenciosa de gestos ou sequência de gestos, sem o acompanhamento da fala.

4. E os sinais, que possuem peculiaridades morfológicas e sintáticas, que fazem parte da gramática de uma língua de sinais.

Assim, gesto e fala são indissociáveis e sinalizam a multimodalidade da linguagem.

Destacam-se, também, Charles Goodwin, que discute os gestos juntamente com a afasia, Cynthia Butcher e Susan Goldin-Meadow, que estudam a produção de palavras com o movimento das mãos e Adam Kendon, que explora o funcionamento dos gestos e da fala.

Alguns pesquisadores têm interesse em estudos multimodais e multissensoriais levando em consideração a interação entre adultos, entre adultos e computadores e entre adultos e crianças. O *The MARCS Institute* é desenvolvido na Universidade de Sidney e tem como coordenadores Denis Burnhan, Kate Stevens, Chris Daves, André van Schaik e Simeon Simoff.

2 PONTO DE PARTIDA DA NARRAÇÃO (ANTES, DURANTE E DEPOIS)

A contação de história é marcada pelo tempo da narrativa, momento da história e participação na narrativa. Vejamos cada ponto:

- ① O tempo da narrativa e a participação do ouvinte estão associados à frequência gradativa em que a história se desenvolve.

Este tempo tem duração dos 0:00/6:28. O processo de compreensão de leitura é ativado através do conhecimento prévio sobre o título da história “O menino teimoso”.

“... Era uma vez um menino teimoso... (autora) Mas, NÃO era você. VOCÊ NÃO É TEIMOSO. Mas AQUELE menino era.”

As pistas entoacionais interferem diretamente na construção de sentido de texto. Esta aproximação da criança, com o universo infantil produz uma compreensão do dito. O elemento gestual associado à entonação da voz (fala) foi suficiente para ativar o processo de partilha (interação através da linguagem). Segundo Van Dijk (1992), a combinação de palavras, a leitura oral de enunciado (no caso, a contação de história) não se constitui numa correlação de forças, nem concentração de poder. A negociação das partes envolvidas no diálogo dá corpus à construção de sentido de texto.

SEQUÊNCIA 1

“... tem boné, não sei onde mora.” (autora) Mas NÃO parece com VOCÊS!”

(autora) OLHA! “Ele falava MERMO.”

(autora) O nome certo como é? É MESMO, não é? Mas o menino falava errado.

(autora) O menino era abusado, levado, teimoso, terrível. Pediam para ele fazer algo e ele não fazia. POR ISSO, não parecia com vocês.

Neste trecho, tem-se a aproximação do universo infantil, associado ao questionamento. Esta práxis convida o ouvinte a entrar no universo da história.

3.1 TEMPO E PARTICIPAÇÃO NA NARRATIVA

O ouvinte constrói o entendimento de texto em parceria com o social (aquilo que é dito).

SEQUÊNCIA 2

(história) “... havia um lugar chamado Campo Santo...”

(autora) Sexta-feira, às 11:00h da manhã... era proibido. NESTE DIA era proibido.

Neste fragmento, percebe-se que o ruído provocado, ora pelas cordas do violão, ora pela onomatopeia (neste caso, som produzido pela boca) associado ao gesto, provoca tensão no ouvinte. Neste sentido, o tempo da narrativa é movido por uma ação e desencadeia uma reação de igual valor nos ouvintes. Para Scarpa (1991), as variações de frequência, de duração e qualidade da voz, são recursos usados para demarcar as fronteiras prosódicas. Neste sentido, o estranhamento provoca uma reação de tensão e medo.

SEQUÊNCIA 3

(história) “... Eu fiz um COCOZÃO no Campo Santo...”

Um ouvinte interage: “Eca!”

Outro ouvinte: risos mais alto.

Neste momento, desfaz-se o clima de tensão e todos interagem. O diálogo é construído pelos participantes e o tom dá o comando de direcionamento da comunicação pré-estabelecida a partir do envolvimento com o texto oral (aquilo que é dito). Segundo Marcuschi (1986), no momento da interação, há uma co-produção discursiva, visto que os interlocutores estão juntamente empenhados na construção do dito. Por isso, co-negociam e co-argumentam (impossível dissociar locutor e ouvinte. E acrescenta: O leitor é responsável pelo que diz e o ouvinte é co-responsável pelo que entende.

SEQUÊNCIA 4

A autora canta e prossegue a história. Neste fragmento, as expressões faciais são de descontração. O pacto interativo entre locutor e ouvinte é selado. Segundo a perspectiva interacionista de Brazil (1985), as estratégias usadas pelo falante orientam o ouvinte, através do fornecimento de pistas que auxiliam na construção positiva de sentido. Ainda, sobre este mesmo olhar, Viana (2001) entende que do ponto de vista educacional, a prosódia (correlatos da fala) está relacionada à metodologia usada pelo falante e repercute no entendimento e na compreensão do dito.

3.2 MOMENTO DA HISTÓRIA (denominada M1, M2, M3, M4, M5)

- (M1)

Esta fase é marcada inicialmente por crianças inquietas e observadoras momentâneas. Este movimento inicial é o princípio básico de todos os tipos de interatividade.

A contadora pega o texto, incorpora o figurino (de um menino teimoso), faz uso de um boné, e dessa forma, apropria-se da personagem da história. Os gestos e fala, utilizados por ela, também são de criança. Esta ação aproxima os ouvintes da leitura oral de texto. Como afirma McNeill (1992), os movimentos e gesticulações possuem significados. Uma vez que a linguagem é um contínuo entre corpo, gesto e fala.

- (M2)

De acordo com Scarpa (1991), a inflexão da voz possui contorno e ritmo, dessa forma com a continuidade da leitura oral, crianças e adultos começam a ficar atentos. As mãos ficam tensas e por isso, fechadas. A mudança da entonação da voz da locutora associada ao “pretenso” gesto do personagem (o menino teimoso) corrobora para “chamar” a atenção para o que está sendo dito e isto, provoca uma reação na plateia (o silêncio é carregado de significado).

- (M3)

Os contornos ascendentes e descendentes das sentenças proferidos pela locutora (contadora de história) chamam a atenção dos ouvintes que apresentam olhar fixo, para cada lance de frases, dialogando intuitivamente com a narrativa.

- (M4)

O clima de tensão é desfeito com o uso da expressão chinfrim “*ele fez um cocozão!*” Há risos na plateia. E a música aponta para o momento de descontração e promove a interação entre locutora/história/plateia. Uma criança, entre todas diz: “...*Eca!*” Risos na plateia.

Segundo Crystal (1969), a inflexão de voz, que repercute na fala, demonstra em algumas situações, estados subjetivos de ordem emocional, tais como raiva, tristeza, alegria, surpresa e outros fatores de ordem intelectual: dúvida, opinião, questionamento e outros correlatos díspares intrínsecos à comunicação.

Neste sentido, o momento de interação ocorrido entre a locutora (Bia Bedran) e os ouvintes (telespectadores) na contação de história, funciona como um sistema de comunicação que faz emergir do sujeito e estado mais profundo d'alma, a partir da linguagem.

- (M5)

Final de história. Descontração, participação, risos, inquietação e aplausos.

A flexibilidade do nível linguístico no discurso muitas vezes está diretamente ligado ao conhecimento prévio e partilhado de cada leitor. Esta flexibilidade norteia a interação comunicativa. Assim o contexto situacional e o contexto informacional, definem as condições para a realização da ação verbal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em breve análise, esta pesquisa possibilitou o reconhecimento da matriz gesto-fala como elemento integrante da linguagem, uma vez que co-atuam na compreensão de texto oral.

A dialogicidade simultânea entre locutor/texto/ouvinte acontece ao longo da leitura; para cada ação gesto/vocal corresponde uma reação de igual valor; o que viabiliza o processo de interação comunicativa.

A variação vocal (entonação), o gesto (co-atuante na trajetória linguístico infantil) e a musicalidade (som conferido à inflexão da voz e também, aos acordes de violão), são correlatos constitutivos da oralidade discursiva, carregados de significado e têm como principal objetivo contribuir de forma positiva na compreensão do dito.

A partir dessa análise, constatou-se que a compreensão da leitura oral é resultante de uma cadeia de significações elaboradas a cada lance do processo interativo, e que o gesto/fala cumpre seu papel com correlatos multimodais na construção de sentido de texto, uma vez que são partes intrínsecas da linguagem.

Para dar conta desse processo de contação de história foi necessário passear pela multimodalidade, considerando o sentido e as relações dialógicas numa rede sistêmica das interrelações humanas.

REFERÊNCIAS

ÁVILA-NÓBREGA, P. V.; CAVALCANTE, M. C. B. *Uma proposta de adaptação do continuum de Kendon para a aquisição de linguagem*. 2010.

BEDRAN, BIA. *A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____ *Cabeça de vento*. Rio de Janeiro: Gravado no Teatro Sesi Caxias, 2010. DVD.

_____ *Bia canta e conta 2*. Rio de Janeiro: Rob Digital, 2003. CD.

BRAZIL, D. *The communicative value of intonation in English*. Birmingham: English Language Research (Discourse Monographs, Series, 8), 1985.

CAVALCANTE, M. C. B. *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1999.

CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Trad. M. C. P. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 213.

DIJK, Teun A. Van. *Cognição, Discurso e Interação*. São Paulo, Contexto. 1992. In: KOCH, I. G. V. *A interação pela linguagem*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

GOLDIN-MEADOW, Susan. 2003. *The Resilience of Language: What Gesture Creation in Deaf Children Can Tell Us About How All Children Learn Language*. New York: Psychology Press.

KENDON, Adam. 2000. *Gesture in Naples and Gesture in Classical Antiquity: A Translation of Andrea de Jorio's La mímica degli antichi investigata nel gestire napoletano* (A, Kendon, trans.). Bloomington, IN: Indiana University Press.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática. 1986.

MCNEILL, David. 1992. *Hand and Mind: What Gestures Reveal About Thought*. Chicago: University of Chicago Press.

MCNEILL, David & DUNCAN, Susan D. 2000. *Growth points in thinking for speaking*. In D. McNeill (ed.), *Gesture and language*, pp. 141-161. Cambridge: Cambridge University Press.

SCARPA, E. M. *Filler sounds e guardadores de lugar. Questão de organização e desenvolvimento na aquisição da prosódia.* Comunicação apresentada nos Seminários do Projeto de Aquisição da Linguagem. Campinas. UNICAMP, agosto de 1991.

VIANA, M. A.; LUCENA, L. *O discurso de psicologia: características e usos – o caso da troca de turnos.* Interlocuções. Revista de Psicologia da UNICAP, Ano 1; n. 2; jul./dez. p. 36-71; 2001.